



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
SUPERIOR EM SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE**

ANA APARECIDA RODRIGUES BEZERRA

**PROPOSTA DE CUIDADO NA ABORDAGEM HELLINGERIANA
PARA AMPLIAR ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO DOS AGENTES
COMUNITÁRIOS DE SAÚDE**

SANTOS

2021

ANA APARECIDA RODRIGUES BEZERRA

**PROPOSTA DE CUIDADO NA ABORDAGEM HELLINGERIANA
PARA AMPLIAR ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO DOS AGENTES
COMUNITÁRIOS DE SAÚDE**

Produto Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo - *Campus* Baixada Santista - como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional Ensino em Ciências da Saúde.

Linha de Pesquisa: Educação Permanente em Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba

SANTOS
2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
Bert Hellinger e As Ordens do Amor	2
1 ^a) Lei da Hierarquia ou da Ordem	3
2 ^a) Lei do Equilíbrio ou Equilíbrio de troca	4
3 ^a) Lei do Pertencimento	5
2 OBJETIVO	9
3 PÚBLICO-ALVO	10
4 MÉTODO	11
REFERÊNCIAS	12

1 INTRODUÇÃO

Na trajetória do nosso projeto da realização da pesquisa “*Garimpando as demandas de educação permanente na perspectiva dos Agentes Comunitários de Saúde de uma USF em Santos*”, algumas situações inusitadas aconteceram, em especial a pandemia da Covid-19 – a qual precisamos olhar, segundo o referencial sistêmico, como elemento maior que todos nós. E isso nos obrigou a tomar um novo rumo no processo, e trazer para o centro um enfoque diverso do inicialmente proposto.

Todavia, analisando o conteúdo dos resultados obtidos na pesquisa, em especial o sentimento de exclusão e não pertencimento da categoria profissional dos ACS, surgiu a ideia de elaborar um produto técnico que venha colaborar para a inclusão sistêmica dessa categoria profissional na equipe, ressignificando as relações entre os membros da equipe.

Estudos sobre a categoria dos Agentes Comunitários de Saúde apontam o significado de sentimentos de potência e impotência na experiência desse agente-usuário; onde a onipotência e a frustração permeiam a subjetividade de um agente social, que mantém profunda relação de pertença com seu espaço: o espaço em que vive é o mesmo onde atua; as pessoas da sua realidade social são as mesmas para quem dirige as suas ações de cuidado (BACHILLI et al., 2008).

Lembramos que a proposta inicial de pesquisa foi pensada numa lógica de trazer elementos capazes de proporcionar aos profissionais uma maior conexão com as histórias das famílias atendidas, numa perspectiva sistêmica, e observar se isso seria capaz de trazer algum benefício na atuação profissional. Entretanto, com a mudança de rumo necessária ao longo do processo, em decorrência da Pandemia da Covid-19, esse instrumental ganhou um lugar de destaque na proposição do produto técnico, uma vez que, entre as diferentes demandas apontadas pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), uma delas se refere ao sentimento de desvalorização do lugar que eles ocupam nas equipes. Nesse sentido, consideramos que, com base nas técnicas e metodologias hellingerianas, podemos propor uma intervenção no âmbito subjetivo das pessoas daquele sistema, no caso específico, composto pelo grupo de trabalhadores da Unidade de Saúde da Família Alemoa-Chico de Paula.

O desenho inicial da pesquisa havia sido desenvolvido a partir de observações, por parte de profissionais do NASF e da equipe de referência de Enfermagem da própria unidade, no sentido de que existiam algumas dificuldades no olhar e na compreensão de algumas histórias de vida da população atendida, e supúnhamos algumas afetações pessoais, as quais sentimos necessidade de compreender melhor.

Partindo do meu contato com o arcabouço teórico e prático da Abordagem Sistêmica Fenomenológica de Bert Hellinger, e com seus recursos pedagógicos e terapêuticos de intervenções breves, nasceu o desejo de utilizar tais ferramentas, que possibilitam compreender a história de cada pessoa a partir de uma percepção sistêmica, concebendo a inserção desta dentro de um grupo maior. As correlações e funções de cada um dos elementos do grupo tendem a trazer novas perspectivas, ampliando a compreensão daquele sujeito, bem como apontando para outras possibilidades de intervenção.

A elaboração e a execução desse produto seguirão a base teórica da Constelação Familiar de Bert Hellinger, por meio de seus desdobramentos da Pedagogia Sistêmica e das Constelações Empresariais, técnicas utilizadas em ambientes de aprendizado e empresariais que, no caso específico, será a Unidade de Saúde onde a pesquisa foi realizada.

Portanto, a utilização desse constructo teórico e seus recursos pedagógico-terapêuticos na elaboração do produto final desse Mestrado Profissional fecha um círculo, fazendo jus ao elemento motivador do início do projeto de pesquisa, a base teórica hellingeriana, a qual apresentarei de forma sucinta a seguir.

Bert Hellinger e As Ordens do Amor

Constelação Familiar é um método criado pelo filósofo e teólogo alemão Bert Hellinger. Após percorrer diversas áreas de conhecimento, Bert agregou experiências e criou sua própria terapia familiar sistêmica, tendo como principais influências a Terapia Primal de Janov, a Análise Transacional, a Gestalt, a Terapia Familiar Sistêmica, a Programação Neurolinguística (PNL), a Terapia Provocativa, as Constelações Familiares de Ruth McClendon e Leslie Kadis e a Terapia do abraço; e tem como cerne do seu trabalho a fenomenologia (MANNÉ, 2008).

Como resultado da integração de seus estudos e anos de trabalho, nasce essa abordagem, que recebe o nome de “Constelações Familiares”, e descobrem-se as leis naturais, as quais o pesquisador denominou de “As Ordens do Amor”, que são compostas por três Leis: *Pertencimento, Hierarquia e Equilíbrio de Troca*. Bert Hellinger afirma que, além do inconsciente individual e do inconsciente coletivo, existe um “inconsciente familiar”, que atua em cada membro da família. O primeiro sistema com que temos contato é o familiar e deste derivam todos os outros que podem ter formas distintas, como associações, coletivos e até mesmo empresas. Todos os sistemas estão sujeitos às mesmas leis. Quando as pessoas se relacionam respeitando tais leis, as relações transcorrem de forma saudável e harmônica. Do contrário, quando tais leis são desrespeitadas, consciente ou inconscientemente, surgem desajustes, que são nomeados de **emaranhamentos**.

Apresentamos uma síntese das chamadas Leis Sistêmicas, também denominadas como “*As Ordens do Amor*”, base do arcabouço teórico de Bert Hellinger, enunciadas como essenciais para relacionamentos saudáveis dentro de todos os sistemas (BACCARDI, 2020).

1ª) Lei da Hierarquia ou da Ordem

A lei sistêmica da ordem refere-se ao respeito natural que devemos a todas as pessoas que nasceram antes de nós na família ou àqueles que chegaram antes na composição de equipes - no caso de empresas ou grupos. Tal enunciado diz respeito a uma hierarquia natural em que os mais velhos sempre ficarão em prioridade, no sentido de que possam ser ouvidos e considerados como construtores da história, e viabilizadores do momento atual.

Dentro desse mesmo princípio, enquanto quem veio primeiro tem preferência, quem nasceu ou chegou depois deve ser guiado e protegido. Assim como um certo privilégio, cada um de nós possui também responsabilidades e deveres para com o sistema. Desse modo, os mais novos são orientados e protegidos por aqueles que chegaram antes dele.

Quando a desconsideração e o desrespeito surgem, conflitos vêm à tona e dificultam os relacionamentos familiares ou de equipes. Na família, quando um filho renega a importância dos pais ou antepassados, faz com que a sua própria existência perca valor. Os pais, por sua vez, atribuindo capacidades incompatíveis aos filhos comprometem o seu desenvolvimento.

Nas empresas, organizações e grupos em geral, o princípio da hierarquia ou ordem se dá de forma semelhante. Se aqueles que chegaram depois negam o valor dos que vieram antes, enfraquecem sua própria inserção e geram desarmonia naquele sistema.

Cabe ressaltar que vários termos utilizados por Bert Hellinger na sua base teórica carregam um sentido um tanto diverso daqueles utilizados no cotidiano. Por exemplo, quando falamos de **hierarquia** na linguagem hellingeriana, estamos falando tão somente de ordem de chegada ao sistema, sem nenhuma conexão com cargos ou lugar de autoridade; da mesma forma, quando falamos de desarmonia, estamos falando de algo que gera adoecimento, e não de ausência de conflitos. Os conflitos podem permear naturalmente as relações, todavia o importante é que cada elemento ocupe o seu lugar.

2ª) Lei do Equilíbrio ou Equilíbrio de troca

A segunda das leis sistêmicas é a lei do equilíbrio, um movimento natural que tende a igualar corretamente as trocas humanas. Com isso, o dar e o receber entre as pessoas precisam se equivaler para que assim a paz possa existir. Bert Hellinger ensina que viramos credores, quando entregamos algo ao outro e devedores, quando recebemos.

Os relacionamentos horizontais – entre casais, irmãos, amigos, sócios, colegas de trabalho – pautam-se no equilíbrio sobre crédito e débito em um contato interpessoal. É como se uma ponte se sustentasse aí, de modo que as trocas igualitárias sirvam de sustentação da relação. Contudo, quando isso fica desnivelado, a tendência é que as relações caminhem para o fracasso gradativamente.

Quando alguém dá demais ao outro numa disponibilidade eterna, haverá cansaço e esgotamento, principalmente no aspecto emocional. Por sua vez, quem apenas recebe não entende o pacto ali construído e não sabe devolver a energia entregue. Não se trata de valores materiais, mas, sim, da energia depositada e como isso reflete no relacionamento de ambos.

É muito fácil observarmos isso olhando para os relacionamentos ao nosso redor, e a tendência é que quem mais recebe acabe rompendo a relação; pois o sentimento de dívida, ainda que inconsciente, faz com que a pessoa não suporte permanecer; deixando a impressão aos que

desconhecem esse mecanismo que houve ingratidão. No caso de relações de trabalho, muitas vezes não acontece um rompimento de fato, pois as partes precisam manter-se ativas, mas o desgaste fica evidente e os prejuízos facilmente observáveis.

3ª) Lei do Pertencimento

A terceira é a lei do pertencimento, fazendo com que todos tenham uma posição irrevogável na família ou no grupo. Existe uma necessidade natural de fazer parte, ou seja, pertencer, inicialmente à família e, ao longo da vida, a cada grupo no qual vamos sendo inseridos.

Trata-se de um vínculo tão profundo, segundo esse pressuposto teórico das constelações, que a necessidade de pertencer fica acima até da nossa necessidade de sobreviver. E por essa razão, quando negamos ou expulsamos alguém – seja de modo concreto ou simbólico - decorre sofrimento a todos os envolvidos com aquele sistema. Quando é negado a alguém o seu lugar no sistema, mais cedo ou mais tarde, os membros daquela família ou grupo serão obrigados a olhar para aquela exclusão, geralmente através de sintomas que remetem a alguma característica do excluído, que se manifestam como forma de honrá-lo, ou seja, dar-lhe o devido lugar, permitir que seja visto.

A partir dessa compreensão, explica-se, no trabalho com as Constelações, que por piores atos que alguém tenha cometido, é importante que não se tente apagar aquela existência. É muito comum que, nas famílias, se deixe de pronunciar o nome daquelas pessoas que cometeram crimes, atitudes desonestas ou geraram diversas formas de sofrimento, ou mesmo não falar sobre doenças graves, perdas e mortes trágicas. O que se observa no decorrer das histórias familiares é que, depois de uma exclusão, o sistema trará à tona novamente aquele fato ou tema, em outros membros nas gerações futuras, que muitas vezes sequer conhecem os fatos do passado. Isso vale para grupos maiores, sejam empresas ou países.

No caso de empresas e grupos sociais, é muito importante não excluir ninguém, e a forma de fazê-lo é contando a história, com erros e acertos, dando créditos a todos os que participaram da construção daquele sistema, sem julgamentos. Reconhecer que o ponto em que hoje estamos, as composições atuais de toda família ou grupo só são possíveis graças aos que

vieram antes; qualquer mudança na história, por mínima que seja, daria um rumo totalmente diverso. Portanto, o hoje, tal como se apresenta, só é possível em decorrência do passado, tal como foi.

Não julgar, seja na família ou noutros grupos, significa não ficar preso a um sistema de valores de certo ou errado, bom ou mau, mas apenas integrar os fatos ao curso da história daquele sistema. Não se trata de desculpar ou perdoar, gostar ou não gostar, mas apenas aceitar tudo como foi. Por mais que isso pareça um detalhe pouco significativo, observa-se que, em decorrência desse movimento de integração ao sistema, de pessoas e fatos, ocorrem mudanças significativas na vida de membros do grupo, mesmo para aqueles que não estejam presentes ou sequer saibam que uma constelação ou dinâmica sistêmica tenha sido realizada. Assim, encontram-se soluções para problemas que se arrastavam por longa data.

Se as consequências de desarmonia e diversas formas de adoecimento resultam da não observação dessas leis, conhecendo-as ou não; do mesmo modo, os efeitos da reorganização de um sistema também beneficiam a todos que a ele pertencem. O aprendizado de como reconhecer a existência de alguém sem apagá-lo da consciência e do sistema é uma das maiores chaves do trabalho com as Constelações, aplicados também na pedagogia sistêmica.

Bert Hellinger propõe um olhar para o sujeito, considerando seu contexto histórico familiar transgeracional, permitindo uma compreensão sem julgamento de valores e com possibilidades de, a partir de uma nova perspectiva, ressignificar o passado, apaziguar os conflitos do presente e dar um novo rumo para o futuro.

Até seu falecimento, aos 93 anos de idade (em 19/09/2019), Bert Hellinger mantinha-se profissionalmente ativo, intitulado-se um empírico por excelência, e declarando mudanças constantes em sua abordagem:

...mudei-me por muitos caminhos conduzidos por ideias adicionais que me permitiram ampliar esse foco e ajudar os outros de novas maneiras e com resultados de longo alcance. Aqueles que me conhecem entendem que eu me movo constantemente para reunir o que antes parecia separado. Isso nem sempre foi fácil. Eu encontrei muita oposição de lados diferentes e nem mesmo no começo fui compreendido por muitos. No começo, quando comecei a fazer Constelações Familiares, tive que enfrentar essa oposição e ainda agora tenho que encarar isso. Mas eu sigo meus 'insights' e aplicações com total confiança, onde quer que eles me levem e seja qual for o desafio. (HELLINGER, 2007, p.56)

No trabalho com as Constelações Familiares, podemos observar fenômenos que se mostram em ressonância com a teoria formulada por Rupert Sheldrake sobre os campos morfogenéticos. Estes seriam campos através dos quais informações são transmitidas sem limite de tempo e espaço. De acordo com sua hipótese, todos os sistemas, incluindo cristais, animais e sociedades contêm uma memória inerente, dada por um processo chamado ressonância mórfica, que seria responsável pela transmissão de informação desde como uma célula de cada órgão, ou uma espécie deverá comportar-se. A teoria dos campos mórficos demonstra ainda a inter-relação dos diversos elementos e como os diversos sistemas são interligados; e as reverberações de atos e fatos, tais como aquela imagem da pedra atirada ao lago que produz várias ondas.

No artigo de Ferreira Junior (2019), que pesquisa a correlação dessa teoria com a postulação de Jung sobre o Inconsciente Coletivo, encontramos uma explicação simples e objetiva sobre os campos morfogenéticos:

Sheldrake esclarece que nem o campo, nem a sua ressonância são algum tipo de energia, mas, se comportam nos moldes dos campos energéticos e de suas ressonâncias. Para o autor, tais princípios agem sobre a matéria, mas não fazem parte da mesma. Portanto, ambos os fenômenos estão livres das leis que governam o movimento das partículas, dos corpos e das ondas. A principal consequência disso será que todo campo, e principalmente sua ressonância, não serão atenuados por nenhum tipo de separação espaço-temporal. Assim, estaria esclarecida, segundo a teoria de Sheldrake, a conexão que permite a viagem da informação, o campo morfogenético, através do espaço e do tempo (FERREIRA JUNIOR, 2019, p.2).

O arcabouço das Constelações Familiares traz a possibilidade de uma releitura e ordenação da própria história, tanto no aspecto profissional, quanto pessoal. O indivíduo constelado tem a oportunidade de ver a situação de fora.

Tornar as ferramentas acessíveis do trabalho desse contemporâneo têm se tornado, por assim dizer, um dever para os profissionais que, tomando contato, experimentam os benefícios dessa abordagem nas mais diversas áreas do conhecimento. As Constelações Familiares consistem em uma técnica terapêutica breve, com amplo escopo de aplicação, a qual vem sendo utilizada não só na saúde, mas também no judiciário, em empresas de vários segmentos, bem como na educação, por meio da pedagogia sistêmica. Sua amplitude de utilização é extensa, podendo ser aplicada de diversas formas, onde houver relacionamento humano. Em 2018, a Constelação Familiar, na abordagem sistêmica de Bert Hellinger, torna-se uma das 28 técnicas

reconhecidas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde do SUS (BRASIL, 2019).

Bert Hellinger não restringiu o uso de seu método ao âmbito da Psicologia ou mesmo da saúde; pelo contrário, deixou tudo à disposição de todas as áreas do conhecimento. A esse método, com suas aplicações à educação, chamamos de Pedagogia Sistêmica ou Educação Sistêmica. A denominação Pedagogia Sistêmica não é algo circunscrito aos cursos de graduação em Pedagogia, mas se aplica à educação como um todo. Não se trata de um novo método de ensino, mas consiste em uma nova postura, uma forma nova de colocar-se diante de algo que já existe (VIEIRA, 2018).

Interessante notar que o olhar sistêmico das Constelações Familiares traz, no seu embasamento teórico, a importância de reconhecermos a hierarquia em todas as situações, envolvendo não apenas pessoas, mas também objetos e fatos. Numa análise sistêmica, o elemento pandemia é algo muito maior que nós. Algo que se impõe, e sobre o que não temos o poder de mudar. Portanto, somos “menores” em relação a esse elemento, que incide sobre o destino e, assim sendo, nos cabe aceitar. Essa aceitação não é algo passivo, é apenas uma acomodação, não comodismo; no sentido de reconhecer o nosso tamanho e, assim, encontrar nosso lugar, e desse lugar, olhar para novas oportunidades.

Tal qual acontece nas constelações individuais, quando buscamos compreender um determinado aspecto de nossa vida e levamos aquele tema para constelar, é comum que outras questões se apresentem. Dizemos que a constelação mostra o que de fato precisa ser visto, e que muitas vezes pode aparentemente não ter nenhuma relação com a problemática posta em questão.

O convite agora é para contemplar o conteúdo das entrevistas, na perspectiva de olhar para tudo, como foi e como é. Lembrando que do ponto de vista sistêmico, ao integrarmos essa parte da história da Unidade de Saúde Alemoa-Chico de Paula, que compõe a rede de serviços de saúde de Santos, há benefícios que se reverberam para outros pontos da rede.

2 OBJETIVO

Como uma das categorias que emergiu nas entrevistas foi o sentimento de não pertencimento, ou exclusão, a proposta de produto elaborada direciona-se a uma ação de cuidado, voltada para os ACS, que também irá reverberar no grupo de profissionais da unidade como um todo; cujo foco será trabalhar a lei sistêmica do pertencimento.

3 PÚBLICO-ALVO

Embora o foco principal sejam os ACS da Unidade de Saúde Alemoa-Chico de Paula, por se tratar de um trabalho sistêmico, os benefícios são extensivos a todos os membros daquele sistema; no caso, todos os membros trabalhadores da unidade.

Por ressonância mórfica, podemos considerar ainda reverberações nos demais membros da categoria profissional do município.

4 MÉTODO

A estratégia utilizada será a realização de exercícios sistêmicos que seguem o arcabouço teórico da Constelação Familiar Sistêmica. Falas construtivas e apoiadoras, também chamadas de falas de cura, poderão “dar um bom lugar”, ou seja, novos significados para aqueles que estejam ou se sintam excluídos do sistema.

Tomando a Unidade de Saúde da Família Alemoa-Chico de Paula como um sistema, onde membros dela, muitos dos quais chegaram primeiro e só por essa razão merecem reverência e respeito, sentem-se por ora excluídos e menosprezados, a construção de uma narrativa acolhedora, que venha a partir da construção de falas dos demais membros do sistema, deve resultar num movimento curativo e fortalecedor das relações e, por consequência, promover uma melhora geral no ambiente de trabalho. Essa é uma estratégia de exercício sistêmico, de caráter pedagógico, com ressonância terapêutica para todos os membros da equipe.

A primeira proposta é que esses movimentos de inclusão sejam expressos por meio de falas que venham de colegas de equipe, de outras categorias funcionais que, sem se identificarem nominalmente, possam dizer o que os ACS representam para a equipe.

Quando iniciamos a construção dessa proposta, no Brasil, ainda estávamos num patamar de pandemia com grandes restrições para atividades grupais e, por essa razão, a estratégia construída propõe a execução de modo não presencial. Todavia com a mudança nesse cenário sanitário, um evento de finalização presencial poderá ser adequado.

A proposta inicial foi pensada em ser viabilizada por meio de contato individual com os demais membros da equipe, via telefone/WhatsApp, convidando para a participação voluntária e anônima de uma homenagem aos profissionais Agentes Comunitários de Saúde, em que eles responderão brevemente a três questões:

1. Em sua opinião, quais as principais ações do profissional ACS no cuidado à saúde da população desse território?
2. Quais as vantagens de ter ACS na sua equipe de trabalho?
3. Você teria algum elogio ou agradecimento em especial dirigido a esses profissionais ao longo de sua trajetória de trabalho?

A partir do material constituído pelas respostas dos participantes do projeto, produziremos a elaboração de um *banner* com as falas mais significativas, e também um pequeno livreto para ser entregue a cada um dos participantes da pesquisa, como símbolo de acolhida da equipe e inclusão, simbólica e definitiva, naquele sistema.

Embora essa estratégia tenha sido pensada para a aplicação restrita ao grupo participante da pesquisa, considerando que eles próprios, em várias falas, fizeram referência ao sentimento da categoria e não necessariamente a experiências pessoais, pensamos na utilidade que essa ou outras dinâmicas semelhantes de caráter sistêmico possam ter. Consideramos que elas podem ser replicadas e utilizadas em outras equipes, ou em grupos maiores, a depender do quanto esses espaços estejam permeáveis.

Considerando a teoria dos campos morfogenéticos que explica os resultados abrangentes das Constelações, também podemos supor a reverberação por ressonância desse movimento sistêmico para além do território físico daquela unidade.

Schneider (2013) aborda a dimensão sutil, que interliga as pessoas dentro de um grupo, a qual Bert Hellinger chama de alma, descrevendo o mesmo fenômeno que, dentro da Biologia, pesquisadores como Rupert Sheldrake consideram que seja um campo de informação que existe entre organismos da mesma espécie. Com a participação nessa “alma coletiva”, as pessoas se conectam inconscientemente aos grupos aos quais pertencem, de uma forma que ultrapassa a transmissão consciente de informações, da comunicação, do comportamento e dos sentimentos individuais.

A abordagem hellingeriana considera a existência dessa alma coletiva em cada grupo, seja ele uma família, empresa ou círculo de amigos. (VITOR, 2021, p. 59)

Nas entrevistas da nossa pesquisa, fica claro, em vários momentos, o quanto o indivíduo fala em nome da categoria, e os sentimentos do que acontece com algum colega, mesmo de outras unidades, reverbera nos demais membros do grupo.

Assim como as afetações ocorrem através dessa rede invisível que interconecta os membros de um grupo, as ações interventivas – terapêuticas ou pedagógicas – seguem a mesma lógica de reverberação.

Essa dinâmica poderá ainda ser aplicada de forma idêntica ou adaptada em outro grupo que apresente desconforto semelhante.

Quando as condições sanitárias avançarem para a viabilidade de atividades grupais, em havendo interesse e disponibilidade da equipe, também é possível fazermos uma adaptação para o formato presencial, mantendo o foco nas falas sistêmicas de inclusão, que nesse caso são falas curtas, afirmativas, propostas pelo constelador e verbalizadas pelos participantes.

A proposta desse segundo formato poderá ser realizada num espaço de reunião geral de equipe, no espaço reservado para ações de Educação Permanente em Saúde, cuja temática sugerida como pauta trazida para reflexão poderá ser “o lugar do profissional ACS nas equipes da Atenção Básica em Saúde”. A partir desse tema disparador, a condução da atividade seguindo a abordagem hellingeriana irá trabalhar com os elementos que surgirem dos participantes, pois, em se tratando de uma abordagem fenomenológica, não é possível desenhar um *script a priori*. A partir dos elementos que o grupo trouxer, o profissional facilitador-constelador fará as construções das falas sistêmicas oportunas para promover o movimento de inclusão e, desse modo, recolocar ordem no sistema.

Esses dois formatos de concretização do produto não são excludentes, e ambos têm a possibilidade de serem replicados em outras equipes. Mais importante do que a forma exata como a atividade será concretizada, será a criação de espaço para o reconhecimento e a integração desse profissional ao universo dos profissionais da saúde.

Com base no conhecimento teórico e prático do arcabouço das constelações sistêmicas de base hellingeriana, sabemos que os resultados desse tipo de investimento serão certos. Entretanto, seria interessante que estudos comparativos no futuro pudessem olhar para o antes e depois, como forma de análise para os resultados dessa intervenção aqui proposta.

REFERÊNCIAS

AECFS – Asociación Española de Constelaciones Familiares y Sistémicas - **A Diferenciação da Consciência**. Disponível em: <https://aebh.net/bert-hellinger-su-biografia> Acesso em: 30 abr. 2019.

BACARDI, J. G. **As 3 leis sistêmicas segundo a Constelação Familiar**. Disponível em <https://constelacaoclinica.com/leis-sistemicas> Acesso em: 01 mai. 2021.

BACHILLI, R. G.; SCAVASSA, A. J.; SPIRI, W. C. **A identidade do agente comunitário de saúde: uma abordagem fenomenológica**. In: Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 13 n. 1, Jan/Feb 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000100010 Acesso em: 20 nov. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Saúde de A a Z. **Práticas Integrativas e Complementares (PICS): quais são e para que servem**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares> Acesso em 02 jun. 2019.

FERREIRA JUNIOR, J. J. J. **Rupert Sheldrake e os campos morfogenéticos: uma contribuição à teoria dos arquétipos**. Disponível em: <http://ijusp.org.br/artigos/rupert-sheldrake-e-os-campos-morfogeneticos-uma-contribuicao-a-teoria-dos-arquetipos> / Acesso em: 08 mai. 2019.

HELLINGER, B. **A Diferenciação da Consciência**. Asociación española de Constelaciones Familiares y Sistémicas (AECFS), 2007. Disponível em: <https://aecfs.net/la-diferenciacion-de-las-conciencias/#more->. Acesso em: 07 mai. 2019.

HELLINGER, B. **A Simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

HELLINGER, B. **Ordens da ajuda**. Tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter — Patos de Minas: Atman, 2005.

HELLINGER, B. **Ordens do amor**: um guia para o trabalhador com constelações familiares. São Paulo: Cultrix, 2005.

LBM, E. **Triângulo Dramático e Jogos Psicológicos**. 2014. Disponível em: <http://eduardolbm.wordpress.com/2014/08/02/triangulo-dramatico-e-jogos-psicologicos>
Acesso em: 05 mai. 2019.

SCHENEIDER, J. R. **A prática das constelações familiares**. 2. ed. Goiânia: Atman, 2013.

VIEIRA, J. L. T. **Introdução à Pedagogia Sistêmica: uma nova postura para pais e educadores**. Campo Grande: Life Editora, 2018.

VITOR, A. P. **Trabalho social com famílias de adolescentes em conflito com a lei: uma abordagem hellingeriana**. Dissertação (Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde), UNIFESP, Santos, p. 59. 2021.